



A subsunção do real ao estético, a miséria do pós-modernismo

Caique de Oliveira Sobreira Cruz¹

Resumo

O presente artigo tem como desiderato analisar o fenômeno do pós-modernismo, buscando as suas raízes no movimento estético, o seu núcleo fundante, e os seus múltiplos desenvolvimentos durante o processo histórico, perpassando, sobretudo, pelas ciências sociais, realizando um paralelo com a sua influência exercida na esquerda brasileira e mundial. Utilizaremos, nesta pesquisa, categorias fornecidas pela tradição Marxista, contrapondo de forma fundamentada as principais premissas levantadas pelas teorias sociais pós-modernas, objetivando não só estabelecer uma comparação entre interpretações diversas da realidade, mas, também, indicar o nosso compromisso com o que caracterizamos como debate acerca da reorganização da esquerda nacional e internacional. Entendemos que uma análise teórica da realidade insuficiente reverbera em ações práticas não consequentes com o projeto de emancipação do gênero humano. Nesta tese, não dispomos da pretensão de esgotar a análise sobre a temática abordada, haja vista que os fenômenos sociais são compostos por múltiplas determinações e tendências. Buscamos, sim, uma aproximação mais ampla do objeto real, lançando noções preliminares sobre as quais será possível se chegar a conclusões mais assertivas diante de inúmeras contradições sociais.

Palavras chave: Pós-modernismo, Trabalho, Capitalismo, Socialismo, Estética.

La subsunción de lo real a lo estético, la miseria del postmodernismo

Resumen

El presente artículo tiene como desiderátum analizar el fenómeno del postmodernismo, buscando sus raíces en el movimiento estético, su core fundación, y sus múltiples desarrollos durante el proceso histórico, pasando especialmente por las ciencias sociales, realizando un paralelo con su influencia ejercida en la izquierda brasileña y mundial. Utilizamos, en esta investigación, categorías proporcionadas por la tradición Marxista, contraponiendo de una manera fundamentada las principales premisas planteadas por las teorías sociales postmodernas, con el objetivo de no sólo establecer una comparación entre interpretaciones diversas de la realidad, sino también indicar nuestro compromiso con lo que caracterizamos como debate sobre la reorganización de la izquierda nacional e internacional. Entendemos que un análisis teórico de la realidad insuficiente resuena en acciones prácticas no consecuentes con el proyecto de emancipación del género humano. En esta tesis, no disponemos de la pretensión de agotar el análisis sobre el tema abordado, teniendo en cuenta que los fenómenos sociales están compuestos por múltiples determinaciones y tendencias. Buscamos, sí, una aproximación más amplia del objeto real, lanzando nociones preliminares sobre las cuales será posible llegar a conclusiones más asertivas ante innumerables contradicciones sociales.

¹ Graduando da Universidade Católica do Salvador.

Palabras llave: Postmodernismo, Trabajo, Capitalismo, Socialismo, Estética.

The subsumption of the real to the aesthetic, the misery of postmodernism

Summary

The aim of this article is to analyze the phenomenon of postmodernism, seeking its roots in the aesthetic movement, its foundational nucleus, and its multiple developments during the historical process, passing through, above all, the social sciences, and making a parallel with its influence on the Brazilian and worldwide left. We will use in this research categories provided by the Marxist tradition, fundamentally contrasting the main premises raised by post-modern social theories, aiming not only to establish a comparison between distinct interpretations of reality, but also to indicate our commitment to what we characterize as a debate about the reorganization of the national and international left. We understand that an insufficient theoretical analysis of reality reverberates in practical actions that are not consistent with the project of the emancipation of the human race. In this thesis, we do not have the pretension of exhausting the analysis on this subject, given that social phenomena are composed of multiple determinations and trends. Rather, we seek a broader approximation of the real object, introducing preliminary notions on which it will be possible to arrive at more assertive conclusions in face of countless social contradictions.

Key words: Postmodernism, Work, Capitalism, Socialism, Aesthetics.

Vivemos uma época em que a “simbologia” ganhou muita notoriedade dentro da esquerda, principalmente, a partir de uma leitura “pós-moderna” da realidade, basta observar que nas teorias sociais oriundas desta corrente de pensamento as categorias que predominam são as da “representatividade”, e da “subjetividade”, entre outras. A interpretação pós-modernista tem seu início no movimento estético, como uma corrente artística, e a expressão “pós-modernismo” foi cunhada pela primeira vez no ano de 1934 por Federico de Onís, em: “Antología de la poesía española e hispanoamericana”, quando utilizou o termo “post-modernismo”.

Em 1951, quase vinte anos depois, o poeta Charles Olson enviou uma carta para Robert Creeley, comentando sobre um suposto “mundo pós-moderno”, nas suas palavras: “A primeira metade do século XX [...] o pátio de manobras em que o moderno virou isso que temos, o pós-moderno, ou pós-Occidente”. (OLSON, 1951, apud ANDERSON, 1999, p.12/13).

Na data de 03/10/1951, em mais uma carta enviada a Robert, ele escreveu: “A bioquímica e pós-moderna. E a eletrônica já é uma ciência da comunicação – o humano já é a imagem da máquina de computar” (OLSON, 1951, p.234, apud ANDERSON, 1999).

Em 04 de novembro de 1952, Olson elaborou um manifesto no qual cita o que seria “pós-moderno” e traz à tona, pela primeira vez, uma noção de positividade afirmativa do termo como uma proposta de “inovação”. Transcreveremos um trecho deste documento: “Minha mudança é que considero o presente como prólogo, não passado [...] presente vivo e em andamento [...] pós-moderno, pós-humanista, pós-histórico” (OLSON, p.741/742, apud ANDERSON, 1999, p.13).

Segundo (ANDERSON, 1999, p.17), os sentidos destes termos foram fruto de um projeto tipicamente poético de formulação teórica estética, derivado do verso objetivista de Pound e Williams, em defesa da composição livre. Mas, com o passar do tempo, a poesia de Charles Olson se tornou “esporádica”, e qualquer tipo de referência ao pós-modernismo desapareceu naquela época.

Também usou termo semelhante, em 1954, o historiador, Arnold J. Toynbee, no oitavo volume da obra “A Study of History”, para expressar estilos de práticas culturais presentes em algumas áreas como a arquitetura, as artes figurativas, a literatura, o teatro, e dessa vez algo a mais que a própria estética, denominou de “idade pós-moderna” a época iniciada com a guerra franco-prussiana. A retomada do termo ocorreu em 1959, por intermédio dos autores Charles Wright Mills e Irving Howe, ambos considerados da “esquerda reformista nova-iorquina”, atribuindo um sentido negativo à “modernidade”. O sociólogo Charles Mills, apoiou-se no que considerava como pós-moderno para descrever uma realidade que para ele era o ponto no qual se demarcava a tragédia do pensamento “modernista”, onde os pensamentos liberalistas e os socialistas haviam falhado, e o projeto da razão iniciado pelo iluminismo demonstrou ser insuficiente para compreender e propor soluções à humanidade. Já o crítico Irving Howe, argumentava que a pós-modernidade significava a sociedade que não era mais aos moldes dos séculos anteriores, considerava que a sociabilidade de seu tempo era marcada pela condição cada vez mais amorfa das classes sociais, ou seja, sem forma determinada, com características de apatia, indiferença, e pela alta prosperidade do período pós-guerra no mundo Ocidental.

Seria possível encontrar algum respingo de sensatez nesses posicionamentos, dado o seu período histórico de forte desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo Ocidental no período pós-guerra, de ascensão do capitalismo mundial e dos seus Estados de Bem Estar Social, bem como do fortalecimento das sociais democracias Europeias. Havia uma sensação de que os projetos de transformações radicais da sociedade não tinham mais espaço naquele ambiente e que o próprio capitalismo tinha superado as suas mazelas sociais, e que cada vez mais a “luta de classes”, como motor fundante das análises teóricas, era

dispensável e inadequada. Acontece que tal concepção não passou de uma mera ilusão, um delírio, principalmente se analisarmos o contexto do capitalismo mundial no século XXI e a sua extrema crise estrutural apresentada desde 2007/2008. Portanto, esse início de análise “pós-moderna”, tem um tempo historicamente determinado, é fruto de espaço e tempo restringidos, a noção de “classes amorfas” não cabe na realidade atual, além disso, dessa inutilidade teórica e insuficiência de apreensão do movimento real para a atualidade, as compreensões de Mills e Howe sofrem sérios problemas metodológicos, pois descartam alguns fatores essenciais daquele período. Abaixo, enumeraremos alguns deles:

- 1- Desconsideraram que cerca de um terço dos países do Mundo estavam tentando construir outra forma de sociabilidade, no que se costumou denominar de “Socialismo Real”, com economias planificadas, e, na maioria das vezes, controlados centralmente pela burocracia Soviética. Nesse sentido, os autores restringiram seus olhares à Social Democracia Europeia e aos Estados Unidos. Ainda que as sociedades planificadas da época, século XX, estivessem longe do que se configura como Socialismo de fato, quando analisamos o núcleo duro da teoria Marxista, pois, não conseguiram destruir os elementos essenciais do capital, o trabalho ainda era alienado/estranhado, a propriedade dos meios de produção não ficou sob o controle direto dos trabalhadores e sim de uma burocracia estatal, a divisão social do trabalho permaneceu e diversos outros fatores também. Mas, ainda assim, mesmo não chegando ao Socialismo, tampouco eram capitalistas aqueles países, foram sociedades que em determinados momentos entraram em um período de transição pós-capitalista e que, infelizmente, por não terem avançado rumo ao Socialismo e à superação do capital enquanto “relação social” acabaram retornando posteriormente ao capitalismo propriamente dito em seu pleno desenvolvimento. A Revolução Russa de 1917 sob a liderança de Lenin, por exemplo, foi um processo que iniciou uma transição rumo ao Socialismo e que em seus primórdios, através dos Sovietes, instaurou a democracia mais substantiva da história, mas que, por uma série de fatores que não serão objeto de exame neste texto, acabou se deteriorando em uma burocracia gigantesca. Com tudo isso dito, a realidade capitalista estava longe de estar pacificada.
- 2- Além de desconsiderarem o elemento anterior, destacado no item 1, também não perpassou a lente de observação destes dois teóricos, os demais países, Africanos, Asiáticos ou até mesmo a situação de miserabilidade do capitalismo periférico latino-americano, onde o próprio Brasil se encontra até hoje, ou seja, na periferia do sis-

tema. Portanto, houve um recorte muito grande no objeto de análise que levou a conclusões reduzidas e limitadas, desde o início, já demonstrando a enorme dificuldade dos ditos pós-modernos em trabalhar com a categoria da totalidade. Charles Mills e Howe trabalharam com visões de mundo baseadas na realidade dos países desenvolvidos e imperialistas, em um período histórico de largo desenvolvimento destes, principalmente após a destruição das forças produtivas ocasionadas pela segunda guerra mundial, o que abriu condição concreta para a reestruturação e reconstrução das forças produtivas, trazendo um crescimento exponencial, além de a indústria armamentista americana ter surfado nesta onda. Como poderíamos cogitar realidade semelhante no restante do mundo? Havia prosperidade no capitalismo como um todo? Estamos seguros que não.

- 3- Por fim, levantaremos o que acreditamos ser o fator predominante para o erro da corrente teórica em questão. Há, nas formulações teóricas de ambos os autores, uma confusão entre o que é estrutura e o que é conjuntura. Cegos pelo desenvolvimento do Welfare State Europeu e da elevação da economia Norte-Americana, confundiram uma situação conjuntural específica e determinada historicamente com uma estrutura econômica, e por isso Howe acreditava na amorfização das classes sociais e na prosperidade do capitalismo. Também tinham uma concepção de que a idade “moderna” teria sido superada e que, em decorrência disso, todos os postulados modernos já estavam defasados, mais uma vez presos dentro de seu círculo minúsculo de análise, não conseguiam compreender que os problemas “modernos” ainda eram os mesmos daquela época, as relações de produção capital x trabalho, expostas por Karl Marx, ainda vigoravam, os meios de produção ainda eram controlados por uma classe dominante, a burguesia, as bases materiais da maior parte do mundo ainda eram capitalistas e, por conseguinte, os problemas delas decorrentes ainda precisavam ser interpretados e superados. Como se falar em superação da idade moderna, se toda a estrutura do sistema capitalista ainda existia? A análise Marxista da realidade ainda era, naquele tempo, como ainda é hoje, a maior teoria social existente e o melhor instrumento de apreensão do movimento real. Não há que se falar em idade pós-moderna, com a mesma estrutura da modernidade imperando, sem um movimento material que preceda esta nova fase da humanidade, não é possível sustentar o fim do “paradigma” dos autores modernos quando a essencialidade da sociabilidade ain-

da é a mesma. Somente por meio de uma análise descolada da realidade será possível encontrar esse entendimento, ou por intermédio de uma estética vulgar.

Evidentemente, existiram diferenças qualitativas enormes durante o desenvolvimento histórico do capitalismo, mas a deficiência analítica dos autores foi não compreender que o próprio Estado de Bem Estar Social era uma das formas políticas do capital, mantendo no elementar a sua estrutura, intervindo mais ou menos na economia, inclusive, a maioria dos direitos trabalhistas conquistados nesses países foi fruto de intensas lutas dos trabalhadores atreladas ao fato do medo presente nos países capitalistas de que houvesse uma revolução nos moldes da Revolução Russa. Os burgueses davam os dedos para não perderem as mãos inteiras. O Estado Burguês, por “conteúdo”, por “essência”, é uma ditadura de classe, um instrumento de dominação da classe dominante sobre a dominada, é a garantia da reprodução das relações sociais de produção burguesa, da propriedade privada e da acumulação de capital. No capitalismo, a “forma” como se apresenta, se expressa, o “conteúdo” da ditadura burguesa, pode ser juridicamente “democrática” ou não, pois as “formas” de Estado variam de acordo com o nível da luta de classes e outras determinantes. Sob esta ótica, um Estado garantidor de mais direitos trabalhistas, que seja interventor, ou uma economia mais desenvolvida, não são capazes *per si* de eliminar a estrutura capitalista e muito menos extinguirem as classes sociais.

Podemos constatar o erro crasso desses teóricos a partir de uma simples observação empírica do nosso contexto atual, uma crise enorme do capitalismo mundial que atingiu tanto os países desenvolvidos como os subdesenvolvidos, trazendo um acirramento da luta de classes em escala global, e no Brasil uma guerra de classes iniciada pela burguesia com ajustes e cortes aos direitos dos trabalhadores. É notório que não houve qualquer superação dos problemas estruturais de nossa sociabilidade, a idade pós-moderna não passou de um sonho propagado por Charles Wright Mills e Irving Howe, a partir de 1959. Para evitar repetições desnecessárias, remetemos o leitor à nossa análise sobre a conjuntura contemporânea, pois lá explicitamos os aspectos essenciais da crise mundial endêmica e patológica do sistema capitalista: <http://www.marxismo.org.br/content/notas-sobre-a-dramaticidade-conjuntural/>. Na dramaticidade conjuntural que se encontra o capitalismo internacional, buscar um horizonte socialista já não é uma opção, mas sim, uma necessidade, e falar em extinção desta perspectiva, como fizeram os dois teóricos citados, é condenar a humanidade à barbárie.

Na mesma seara, estamos no aguardo da tão proclamada tese de André Gorz e Jürgen Habermas, e também em alguma escala de Dominique Meda, sobre o fim do trabalho e

o fim da centralidade das classes sociais, chegando até a negação do sujeito histórico “proletariado” no capitalismo “contemporâneo” como se houvesse sido substituído por outra classe, encontrada em: “não classe dos não trabalhadores” (GORZ, 1982, p.17) ou “Apenas a não-classe dos não-produtores é capaz desse ato fundador; pois apenas ela encarna, ao mesmo tempo, a superação do produtivismo” (GORZ, 1982, p. 93), teses estas difundidas no final do século XX. Até o presente momento o que encontramos na realidade concreta nos diz o oposto, ao confundir uma nova morfologia do trabalho com o fim da classe trabalhadora, levantaram estes teóricos mais ideias de superação das classes e o fim do materialismo histórico enquanto método necessário para os nossos dias. Complicaram-se na análise da “essência” e da “aparência”, eis que, apesar de na contemporaneidade existirem novas formas de trabalho, isso não altera a essencialidade desta categoria, ainda existe a extração do mais valor, ainda permanece o trabalho assalariado, e o trabalho estranhado. Atrapalharam-se nos conceitos de trabalho abstrato produtivo e de trabalho abstrato improdutivo, acharam que o aumento do improdutivo pressupõe a perda da centralidade do produtivo na cadeia econômica capitalista. Não compreenderam sequer o papel do trabalho improdutivo na transmissão da extração da mais-valia, não enxergaram que um motorista de caminhão que leva mercadorias, mesmo não as produzindo, tem um papel ativo no transporte do produto e está de forma direta ou indireta ligado à extração do mais-valor que, em O Capital de Marx, assume uma forma totalizante e não específica. Sobre isso, vamos citar o professor Ricardo Antunes, na apostila “IV Curso Livre Marx-Engels - Marx: a criação destruidora”:

A classe trabalhadora incorpora também, segundo Marx, a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo, que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. Se ela é composta centralmente pelo conjunto de trabalhadores produtivos que produzem mais-valor e que participam do processo de valorização do capital, ela incorpora também o conjunto dos trabalhadores improdutivos, cujas formas de trabalho são utilizadas como serviços, tanto para uso público como para uso capitalista. O trabalho improdutivo, como veremos mais detalhadamente, então, é aquele que não se constitui como elemento vivo no processo direto de valorização do capital e de criação de mais-valor. Eles pertencem ao que Marx chamou de “falsos custos”, os quais, entretanto, são imprescindíveis para sobrevivência do capital e de seu metabolismo social. Assim, para Marx, se todo trabalho produtivo é assalariado, nem todo trabalhador assalariado é produtivo e a noção de classe trabalhadora/proletariado articula indelevelmente as duas dimensões, numa complexa articulação entre as esferas da materialidade e da subjetividade, da objetividade e da consciência de classe. (ANTUNES, 2013, p. 32/33).

Recorrendo à nota de 1888 feita por Engels, no prefácio para edição inglesa do Manifesto do Partido Comunista, encontraremos a seguinte definição de proletariado: “[...] Por proletariado entende-se a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, não tendo

meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver.” (ENGELS, 1888).

Por este conceito de proletariado, encontrado em Marx e Engels, é impossível não compreender que a maior parte da população mundial é composta por trabalhadores, basta uma análise básica sobre as relações de trabalho para se chegar inexoravelmente a esta conclusão. E, ainda que não o fosse dessa maneira, seria necessário compreender também o trabalho de forma mais geral enquanto categoria elementar das relações sociais, como núcleo fundante do ser social, intrínseca à sociedade e, portanto, categoria ontológica da sociabilidade. Nessa gama, não há sociedade sem trabalho, pois é através dele que o homem altera a natureza para conseguir os meios necessários à produção e à reprodução da sua vida material e social. O que muda são as formas de trabalho, a sua morfologia, que ganha expressões diferenciadas em sociedades distintas, no caso da sociedade fraturada centralmente em duas principais classes, Burguesia e Proletariado, com a divisão social do trabalho, a forma de expressão desta categoria é o chamado “trabalho assalariado” que gera as riquezas na sociedade capitalista, destarte, não existe capitalismo sem esta forma específica que é condição necessária para reprodução do seu sociometabolismo. Acompanharemos, então, o entendimento do Professor José Paulo Netto, que aduz em seu curso “O Método em Marx” ministrado em 2002 na pós-graduação em Serviço Social da UFPE: “Suprimido o trabalho não existe humanidade, a condição da humanidade é o trabalho. O trabalho é a objetivação privilegiada do homem, que funda todas as demais objetivações.”.

No tocante ao “trabalho assalariado” ser uma especificidade intrínseca ao capitalismo e indissociável deste sistema, nos apoiaremos no professor Ivo Tonet, no seu artigo “O fim da democracia burguesa”:

Para ultrapassar, porém, as aparências, é preciso compreender a natureza mais profunda da sociedade burguesa. Para isso, partimos do pressuposto de que o trabalho é o fundamento ontológico do ser social. Que, como consequência, toda forma de sociabilidade terá, sempre, como seu fundamento, uma determinada forma de trabalho. Que, no caso da sociedade burguesa, seu fundamento é o trabalho assalariado. É a partir dele que se produz a riqueza material da qual vive toda a sociedade e o conjunto das outras dimensões sociais. Sem nenhum determinismo ou economismo, como já vimos acima. Ora, o trabalho assalariado, que implica uma relação entre trabalho e capital, supõe a existência de dois sujeitos contratantes que devem ser livres, iguais e proprietários. Estas três qualidades são *conditiones sine quibus non* para a realização do ato que funda a sociabilidade burguesa, o contrato de trabalho. Sem elas, não há trabalho assalariado e não há capitalismo. (TONET, 2017, p.11).

Retomando a questão do pós-modernismo, na década de 60, o crítico literário Harry Levin foi mais um dos que tocaram na temática, aprofundando o conceito de pós-

modernismo com base no que Arnold J. Toynbee já havia proposto em 1954. Citaremos uma passagem do Livro *As origens da Pós-Modernidade* do autor Perry Anderson, pois acreditamos ser a melhor definição para este levantamento estético pós-moderno feito por Harry Levin. De acordo com (ANDERSON, 1999, p.19): “[...] Harry Levin deu à ideia de formas pós-modernas um contorno mais agudo, para descrever uma literatura derivada que havia renunciado aos rígidos padrões intelectuais do modernismo em prol de uma relaxada meia síntese – sinal de uma nova cumplicidade entre o artista e o burguês numa espreita encruzilhada de cultura e comércio.”.

Percebe-se, então, um forte entrelaçamento entre a estética pós-moderna e a miséria intelectual subjetivista do capitalismo em sua fase imperialista. Sendo este fenômeno produto da vulgaridade intelectual burguesa, seja de forma indireta ou até mesmo direta com patrocínio da CIA, como poderemos ver em outra passagem da obra de Perry:

Nos anos 60 [...] Em meados da década o crítico Leslie Fiedler, antítese temperamental de Levin, fez uma conferência sob o patrocínio do Congresso da Liberdade Cultural, organizado pela CIA para atuar na frente intelectual da guerra fria. Nesse cenário improvável, ele celebrou o surgimento de uma nova sensibilidade entre a geração mais jovem da América, que era uma geração de “excluídos da história”, mutantes culturais cujos valores – desinteresse e desligamento, alucinógenos e direitos civis – encontravam expressão e acolhida numa nova literatura pós-moderna. Fiedler explicaria [...] que essa literatura produziria um cruzamento de classes. [...] em 1969, a versão de Fiedler para o pós-moderno podia ser vista, no seu apelo à emancipação do vulgar e à liberação dos instintos, como um eco prudentemente despolitizado da insurreição estudantil da época. (ANDERSON, 1999, p.19).

Nas décadas descritas, o fenômeno do pós-modernismo ainda era irrisório, com pouca relevância e expressão no Mundo. Em 1972, ganhou uma projeção maior por intermédio da “Revista de Literatura e Cultura Pós-Modernas”, com o ensaio central escrito por David Antin, com o seguinte título: “Modernismo e pós-modernismo: abordando o presente na poesia Americana”, resgatando boa parte do introduzido por Charles Olson na questão poética na década de 50, mas que no decorrer das publicações relegou ao segundo plano os traços objetivistas de que Olson teria bebido de Pound e Williams, para assumir uma forma metafísica atrelada à categoria Heideggeriana do Ser.

Já na década de 80, Hassan, elenca uma série de determinantes e diferenciais entre o que ele entedia por ser “modernismo” e em contraposição o “pós-modernismo”, delimitou diferenças esquemáticas e oposições estilísticas entre cada um dos movimentos. Mas, um grande entrave permeava o seu pensamento, não conseguia compreender a essencialidade do pós-modernismo, se seria apenas uma tendência estética ou uma corrente sociológica como proposto por Charles Wright Mills e Irving Howe, não conseguia alcançar uma definição

concreta do fenômeno, se era arte ou sociologia, ou as duas coisas interligadas ao mesmo tempo. É nesse momento que começa a se complicar ainda mais a conceituação da condição pós-moderna, um movimento que não encontrava refluxo na realidade material e também não contava com um arcabouço teórico esquematizado. Indagava-se em “The Question Of Postmodernism” (HASSAN, p. 122/123/124, apud ANDERSON, 1999, p.12/13):

[...] apenas uma tendência artística ou também um fenômeno social? [...] Neste caso, como se juntam e separam os vários aspectos desse fenômeno – psicológicos, filosóficos, econômicos, políticos? [...] o pós-modernismo, como forma de mudança literária poderia ser distinguido tanto das vanguardas mais antigas [...] como do modernismo. Nem Olímpico e distante como este nem boêmio e rebelde como aquelas, o pós-modernismo sugere um tipo diferente de acomodação entre a arte e a sociedade.

Os primeiros posicionamentos antimarxistas já começavam a aparecer abertamente, embora sempre estivessem no cerne central desta linha de pensamento, mesmo que de forma velada, ou até diretamente no investimento da CIA e das grandes corporações em divulgar e patrocinar estes posicionamentos na época da guerra fria e também após a queda da União Soviética, da qual trataremos mais adiante. Hassan demonstra a sua concepção acerca do Marxismo em “The Postmodern Turn”: “[...] seu disfarçado determinismo social, preconceito coletivista e desconfiança sobre o prazer estético. [...] esquerda e direita, base e superestrutura, produção e reprodução, materialismo e idealismo. [...] quase inúteis, a não ser para perpetuar o preconceito.” (HASSAN, p.127, apud ANDERSON, 1999, p.26/27).

Com uma crítica meramente moral, tenta descartar o caráter de cientificidade do materialismo histórico, optou pela preferência do que ele chamava de “pragmatismo americano”, para uma filosofia da pós-modernidade: “[...] o blefe do espírito de tolerância e a opção do pragmatismo americano”. (HASSAN, p.127 apud ANDERSON, 1999, p.26). Pela baixa complexidade de argumentação teórica apresentada por Hassan, não é necessário nos determos aqui neste pensamento, teremos pela frente autores pós-modernos com uma capacidade intelectual mais elevada para interpretarmos. Mas, não obstante, deixaremos algumas noções básicas para contrapor o aqui exposto, todos os três itens (1, 2 e 3) utilizados neste artigo na crítica aos teóricos Charles Wright Mills e Irving Howe, servem igualmente para Hassan, apenas acrescentaremos mais dois tópicos para avançarmos na compreensão de sua especificidade. São eles:

- 1- Hassan se apoia em um erro comum encontrado nos críticos do Marxismo, ele entende o materialismo histórico como um método determinista. Com um rigor teórico mínimo na observação das obras de Marx, entende-se que não há nenhum tipo de determinismo social dentro do materialismo. Provavelmente, essa caricatura crítica de Hassan

advenha das ideias hegemônicas sobre o que seria o Socialismo no interior da Segunda Internacional Socialista, que eram ideias deformadas e frágeis, transformavam o método analítico em matemática, rebaixavam as formulações a meras equações lógicas, vulgarizando o Marxismo, uma espécie de concepção evolucionista do socialismo, mecânica, tendo como dois expoentes deste tempo Karl Kautsky e Edward Bernstein. Segundo István Mészáros (2002, p. 149), Edward Bernstein foi um dos líderes reformistas da Segunda Internacional e defensor de uma concepção evolucionista do socialismo. Abordaremos de uma forma mais ampla este tema do suposto determinismo no desenvolver do texto.

- 2- Outra deficiência teórica encontrada é diretamente ligada ao item 3 supracitado no texto e já devidamente respondido, Hassan também parte da premissa incorreta de uma idade pós-moderna, com uma superação do moderno, e, neste sentido, falar em estrutura, produção e reprodução já soava a “arcaísmo” para o mesmo. Mas, ele aprofunda a questão e chega ao ponto de se colocar como neutro, nem direita nem esquerda, como se estes parâmetros já estivessem em total descrédito perante a realidade. Assim, acreditava ser “inovador”, mas não há nada mais velho do que isso, e recorreremos ao conceito de “ideologia” proposto por Marx em “A ideologia Alemã” para expor o que compreendemos como a posição real de Hassan que classificamos como um “ideólogo” burguês, que tem uma ilusão sobre o processo real, ou seja, uma visão distorcida da realidade, não sabe que o seu pensamento tem um tempo histórico determinado, nem a quais interesses ele serve, acredita estar acima da materialidade das relações sociais e criar algo novo, uma concepção que para ele não tem posicionamento ideológico, pensa que as suas formulações estão fora da história, são puramente abstratas, e por isso recorre a um subjetivismo e individualismo senis, sem saber que tudo que estava propondo já era uma expressão em última instância do pensamento liberal burguês, fazendo dele um apologista do capital, mesmo acreditando ser um ente neutro à parte das contradições entre capital e trabalho. Marx, sobre os “ideólogos” em “A ideologia Alemã”, diz:

A divisão do trabalho, que já atrás (p. [44-50]) encontramos como uma das principais forças da história até os nossos dias, manifesta-se agora também na classe dominante como divisão do trabalho espiritual e [31] material, pelo que no seio desta classe uma parte surge como os pensadores dessa classe (os ativos ideólogos criadores de conceito da mesma, os quais fazem da elaboração [Ausbildung] da ilusão dessa classe sobre si própria a sua principal fonte de sustento) [...] desaparecendo então também a aparência de que as ideias dominantes não seriam as ideias

as da classe dominante e teriam um poder distinto do poder desta classe. (MARX, ENGELS, 2009, p. 68).

A derrocada de Hassan vem dentro do próprio pós-modernismo, quando começam a surgir pensadores que conduziram o pensamento da corrente a uma vertente mais “crítica” e “profunda”, entre eles Robert Venturi a partir de 1972 com o manifesto arquitetônico “Learning from Las Vegas”. Perdendo Hassan toda a relevância e caindo no ostracismo ao final da década de 80, quando o mesmo se retira do rol pós-moderno e condena à decadência esta linha de pensamento, nos seus termos em 1987: “[...] o próprio pós-moderno mudou, dando, a meu ver, a guinada errada. Encurralado entre a truculência ideológica e a ineficácia desmistificadora, preso no seu próprio kitsch, o pós-modernismo tornou-se uma espécie de pilhéria eclética.” (HASSAN, apud ANDERSON, 1999, p.27/28).

Mas, a “crítica” de Robert Venturi, apesar de sua enorme compreensão estética da arquitetura, em sua essência também não passava da naturalização da ideologia capitalista. Vejamos alguns de seus momentos em “Learning From Las Vegas”: “A faixa comercial desafia o arquiteto a adotar uma visão positiva, a não discutir. [...] os valores de Las Vegas não são questionados aqui. A moralidade da propaganda comercial, os lucros do jogo e o instinto competitivo não estão em questão.” (VENTURI et al, 1972, apud ANDERSON, 1999, p.28).

Sucede então, comentando no mesmo manifesto a respeito do “modernismo” em conjunto com Denise Scott Brown e Steven Izenour: “A arquitetura ortodoxa moderna é progressista, pra não dizer revolucionária, utópica e purista: mostra-se insatisfeita com as condições existentes”. (IZENOUR et al, 1972, p.85, apud ANDERSON, 1999, p.28).

Prosseguem: “[...] não deveria ser com o que deveria ser, mas com o que é. [...] se a sociedade estava certa ou errada, não cabia a nós questionar naquele momento.” (IZENOUR et al, 1972, p.85, apud ANDERSON, 1999, p.29).

Venturi empreende um esforço para demonstrar uma isonomia e neutralidade, rebaixando a estética e desvinculando-a das múltiplas determinações do real, como se fosse um fenômeno fechado em si mesmo, distante dos outros conjuntos de análises, principalmente sociais, propõe uma estética pura e simples, uma proposta artística indiferente, com abulia e absentismo. Cabe utilizar aqui nesta observação o item 2 usado na crítica a Hassan feita anteriormente, para evitar repetições. É preciso salientar simultaneamente que a arte embora assuma uma forma própria, que se busca a compreensão por intermédio da estética filosófica, não está apartada do todo social, destarte, a sua autonomia é “relativa” e não “absoluta”, a expressão da arte está interligada indiretamente ou diretamente ao lastro material das rela-

ções de produção, cujo “trabalho” é a categoria fundamental e o pressuposto central para que se derivem as demais formas de expressão societal, mesmo que “arte” e “trabalho” não sejam a mesma categoria, e ambas tenham as suas especificidades próprias em cada tempo histórico, existe uma relação de interdependência e de condicionamento entre todas as categorias que perfazem o ser social, em maior ou menor grau, e a categoria fundante da relação social é o trabalho. Nesta quadra, é impossível entender a arte em sua plenitude de forma descolada de todos os outros fenômenos. Dada a ingenuidade de Venturi em desconectar as demais questões da sua análise, perdeu de seu horizonte as bases do seu próprio pensamento, sendo um “ideólogo” recorrente, não percebe que a sua ideia é fruto de uma ideologia liberal reverberada na estética. É importante frisar, para que não ocorram interpretações incorretas, que a categoria do “trabalho” mencionada nesta crítica a Robbert Venturi, é a mediadora entre o homem e a natureza, o instrumento de intercâmbio necessário para produção e reprodução da humanidade, o núcleo fundante do ser social, portanto, trata-se aqui do “trabalho” em termos gerais, não estamos tratando neste tópico do que alguns autores marxistas como o Sérgio Lessa costumam denominar de “trabalho abstrato” que é uma das formas com que o trabalho se organiza e se expressa no capitalismo, o “trabalho assalariado” enquanto forma específica do capital que já foi empregado neste texto anteriormente na crítica à André Gorz e Jurgen Habermas. Para uma melhor compreensão desta posição defendida agora, citaremos a tese de Engels sobre esta categoria, na obra “O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem”, de 1876:

O trabalho [...] Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. [...] Em face de cada novo progresso, o domínio sobre a natureza, que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. [...] Surgiram assim novas esferas de trabalho, e com elas novas atividades, que afastaram ainda mais o homem dos animais. [...] Resumindo: só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modificá-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E ai está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho. [...] Contudo, não nos deixemos dominar pelo entusiasmo em face de nossas vitórias sobre a natureza. Após cada uma dessas vitórias a natureza adota sua vingança.

Por fim, fundamentaremos nossa posição em Karl Marx, quando teoriza sobre a categoria do trabalho como fundante da vida social e lança como premissa que todas as demais formas sociais estão imbricadas com ela, como em nossa tese é o caso da arte. Reproduziremos trecho da obra O Capital, Volume 1 - Parte III, Capítulo VII, “Processo de Tra-

balho e Processo de Produção de Mais valia”, Secção 1 – “O Processo de Trabalho ou o Processo de Produção de Valores de Uso”, de Marx escrita em 1867:

O processo de trabalho, que descrevemos em seus elementos simples e abstratos, é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1987).

Outro nome que ofuscou Hassan no mesmo período foi o Francês, Jean-François Lyotard, principalmente com o seu livro “A condição pós-moderna” publicado na cidade de Paris em 1979. Este que creditamos ser o maior autor pós-moderno do século XX e, devido a isso, teremos todo o cuidado e rigor teórico ao traçar algumas noções iniciais sobre ele, levando em conta e respeitando a sua envergadura intelectual e toda a sua densidade teórica, mesmo discordando quase que integralmente de suas postulações.

Consideramos a obra “A condição pós-moderna” o primeiro tratado filosófico e a primeira esquematização sobre o pós-modernismo. É inevitável que tenha sofrido um pouco de influência de Hassan, mas o superou por muito, diz ele em uma das notas de rodapé ao citar o termo “cultura pós-moderna” que “Alguns aspectos científicos do pós-modernismo são arrolados em I. Hassan, “Culture. Indeterminacy, and Immanence: Margins of the (Postmodern) Age” (LYOTARD, 2009, p.74).

Demonstrando ainda beber de alguns elementos encontrados em Hassan, principalmente no tocante à problemática da questão epistemológica nos avanços das ciências naturais e as suas interações com as questões político-sociais e a dificuldade em conseguir concluir se são elementos interligados ou separados. Nas palavras do professor Wilmar do Valle Barbosa, comentador da obra do Francês:

Após essas considerações, parece-nos razoável dizer que o texto de Lyotard contém, implícita, uma observação que reputamos fundamental: o contexto pós-moderno tende a eliminar as diferenças epistemológicas significativas entre os procedimentos científicos e os procedimentos políticos. A retomada pós-moderna dessa postura baconiana nos coloca em uma via não-cartesiana, não-kantiana, desde o momento em que, contrariamente ao pensado pelos dispositivos modernos de legitimação, parte do pressuposto de que “verdade” e “poder” não podem ser separados. (2009).

Neste ponto, uma interpretação mais vulgar levou a um “ultra-empirismo” grosseiro, próximo a confundir o “ser orgânico” com o “ser social”, mas não podemos de forma alguma jogar esta linha de raciocínio nas costas de Lyotard por não ser o que ele está propondo, a sua ideia era atrelar de alguma forma a “ciência” ao “poder” e a uma espécie de “jogo de

linguagem”, não podendo mais a “ciência” apresentar-se em uma dimensão privilegiada diante das outras formas de conhecimento, pois ele considerava que ela se constituía como uma forma de “discurso”. Como visto em:

O saber científico é uma espécie de discurso. Ora, pode-se dizer que há quarenta anos as ciências e as técnicas ditas de vanguarda versam sobre a linguagem: a fonologia e as teorias lingüísticas, os problemas da comunicação e a cibernética, as matemáticas modernas e a informática, os computadores e suas linguagens, os problemas de tradução das linguagens e a busca de compatibilidades entre linguagens-máquinas, os problemas de memorização e os bancos de dados, a telemática e a instalação de terminais “inteligentes”, a paradoxologia: eis aí algumas provas evidentes, e a lista não é exaustiva. (LYOTARD, 2009, p.3).

A influência da filosofia da linguagem de Ludwig Joseph Johann Wittgenstein em seu pensamento é muito grande, por isso a exacerbada referência à linguagem como fator determinante nas questões humanas, o que gera um deslocamento das relações de produção e do fator econômico para um plano inferior.

Um dos problemas fundamentais da obra de Lyotard acompanha todo o pensamento pós-moderno, desde que este ainda era fechado em uma corrente estética, é a noção de que a sociedade “moderna” foi superada estruturalmente, tanto na forma política, quanto na questão econômica e na cultural. Vejamos em (LYOTARD, 2009, p.3):

Nossa hipótese de trabalho é a de que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. Esta passagem começou desde pelo menos o final dos anos 50, marcando para a Europa, o fim de sua reconstrução. Foi mais ou menos rápida conforme os países e, nos países, conforme os setores de atividade: donde uma dis-cronia geral, que não torna fácil o quadro de conjunto.

De igual natureza: “Na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna, a questão da legitimação do saber coloca-se em outros termos. O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe e conferido: relato especulativo, relato da emancipação.” (LYOTARD, 2009, p.69).

Vislumbra-se uma perspectiva de que estamos situados desde a década de 50 em uma sociedade “Pós-industrial”, a qual o Francês determina o “conhecimento” como principal impulsionador econômico, desprezando as principais noções da economia política clássica, ainda mais, descartando a categoria da “totalidade”, para Lyotard, a realidade era composta por diversos “jogos de linguagem” uma enorme rede lingüística permearia o tecido social e cada discurso tinha sua própria essencialidade, neste caso, determinou o fim das “grandes narrativas”, das “metanarrativas” na introdução do “Da condição Pós-Moderna” na

seguinte passagem: “Simplificando ao extremo, considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos.” (LYOTARD, 2009).

Acreditamos que o item 3 utilizado na crítica a Charles Wright Mills e Irving Howe, já exaustivamente fundamentado, serve também para contrapor a noção de sociedade “Pós-Industrial” e “Pós-Moderna” encontrada em Lyotard, mas iremos desenvolver um pouco mais acerca disto elencando alguns tópicos.

- 1- Já resta configurado neste artigo a fundamentação necessária para compreender que a estrutura social da contemporaneidade, em última instância, é a mesma dos “modernos”, por isso, falar em pós-modernismo é não atingir a “essência” do objeto em estudo. É notório que houve algumas transformações substanciais do século XIX até o século XXI, várias “formas” de Estado foram instituídas, desde o Estado puramente liberal, ao “Estado de Bem Estar”. Das Monarquias até as Repúblicas. Lenin já teorizava sobre as mudanças qualitativas no capitalismo, descrevia que vivemos na época do “Imperialismo”, do capital monopolista, uma fase superior daquele ao qual Marx conheceu no século XIX, com um fortalecimento do sistema financeiro e a espoliação e pilhagem dos povos pelos Estados rentistas e imperialistas. Presenciamos da mesma maneira, a expansão incontrolável do capital financeiro, dividindo espaço e atrelado ao grande capital industrial, outrossim, o aumento do trabalho improdutivo, dos setores de prestação de serviço. Todas essas mudanças são reais e não há nenhuma discordância quanto a elas, a problemática central é que não representam a superação do sistema “capitalista”, o “paradigma” Marxista não é sobre ter-se um Estado mais ou menos “Democrático”, ou sobre a forma de expressão do “trabalho abstrato”, a grande questão é a base material da sociedade, como os homens se relacionam para produzir as condições materiais de sua existência, na sociedade analisada por Marx, as “relações de produção” eram compostas por trabalhadores sendo os que vendem a sua força de trabalho para sobreviver e geram o valor, e capitalistas que são os que detêm os meios de produção, no século XXI essas relações são as mesmas, “empregados” e “empregadores”. Esta divisão social do trabalho gera todas as nossas mazelas sociais, portanto, o pensamento Marxiano é mais atual do que nunca, o sistema ainda é o da propriedade privada dos meios de produção, vulgo capitalismo.
- 2- Não é possível proferir que estamos em uma “sociedade da informação” quando mais de 70 milhões de Brasileiros não tem sequer acesso à internet, pois segundo es-

tudo da União Internacional de Telecomunicações, e de acordo com a Internet.org, cerca de 4 bilhões de pessoas no mundo não tem nenhuma forma de conexão, o que significa mais da metade da população mundial. Quando apenas 5 famílias controlam mais da metade dos veículos de comunicação de maior audiência no Brasil, conforme pesquisa do Monitoramento da Propriedade da Mídia (Media Ownership Monitor ou MOM) e das ONGs Repórteres Sem Fronteiras e Intervezes. A informação é controlada pelos grandes empresários do país, que utilizam dos meios de comunicação como um de seus instrumentos de formação e transmissão ideológica, essa formação ocorre em quase todos os países capitalistas do mundo.

- 3- Não é factual asseverar que estamos na “Sociedade do consumo”, pois quase 1 bilhão de pessoas passam fome no mundo, segundo relatório das Nações Unidas. Então, de que forma nos achamos em uma sociedade que já superou os problemas dos tempos “modernistas”? Apenas baseando-se em alterações conjunturais? O sistema capitalista mundial só produz miséria e desigualdade. De acordo com relatório elaborado pela ONG britânica Oxfam, 82% de toda a riqueza gerada no ano de 2017 ficou nas mãos de 1% da população mundial. Afirmar que não vivemos mais nos “paradigmas” engendrados pela sociedade de classes só pode ser feito pelo “Eurocentrismo” tacanho do século passado, baseado no padrão de qualidade de vida alcançado pelo Welfare State Europeu, nas décadas de 50 e 60, que produziu uma ótica extremamente reducionista de um sistema que opera em escala internacional. E foi justamente o final da década de 50 que foi descrito por Lyotard como o ponto fundamental na virada “pós-moderna” da humanidade, nenhuma coincidência. A extrema crise estrutural do capitalismo atual que levou quase todos os países para uma recessão prolongada, níveis de desemprego alarmantes também nos principais países Europeus, faz desmoronar e desmanchar no ar todas as bases teóricas pós-modernas, que assim como Lyotard, tentaram deslocar a centralidade da luta de classes, para focalizar em problemáticas específicas, como se a sociedade “Pós-industrial” alegada, trouxesse a descentralização dos conflitos, a sua generalização em formas singulares. Neste sentido, os conflitos de nosso tempo seriam outros, constituídos em outra esfera, mesmo com inter-relações com a economia, mas com identidade própria em relação a ela, isto é, a esfera da cultura eleva-se a ser predominante, e as relações de produção junto com a luta de classes são engavetadas. Agora, teríamos que discutir o “discurso”, e os conflitos específicos de cada indivíduo, estas seriam as marcas do

“caos” da nova sociabilidade, dita “pós-moderna”. O conceito de “Pós-industrial” encontrado na obra “A condição Pós-moderna” de Lyotard, advém do livro “A sociedade pós-industrial” do sociólogo Alain Touraine, lá encontramos que nesta nova formação social proclamada, ocorreu a perda da centralidade industrial e o rebaixamento do fator econômico produtivo sendo ele perdido, o conhecimento e a informação são elencados como os elementos chaves da nova produtividade, destacaremos o seguinte trecho: “[...] o caráter mais geral da sociedade programada é que as decisões e os combates econômicos não têm mais a autonomia e a centralidade que possuíam dentro de um tipo anterior de sociedade, definidos por seu esforço de acumulação e de extração dos lucros sobre o trabalho diretamente produtivo.” (TOURAINÉ, 1969, p. 9).

O fator cultural vira o grande núcleo do debate, uma verdadeira subsunção do real ao estético, à medida que subsume os demais fatores e a base material da sociedade dentro do aspecto cultural, o próprio conceito de “Alienação” encontrado em Marx como um tipo de categoria advinda da relação econômica vira uma categoria da cultura *stricto sensu*. Citaremos (TOURAINÉ, 1969, p. 14/15):

A alienação deve ser definida em termos de relações sociais [...] O homem alienado é aquele que não tem outra relação face às orientações sociais e culturais de sua sociedade que aquela que lhe é reconhecida pela classe dirigente como sendo compatível com a manutenção de sua dominação. [...] alienação é, conseqüentemente, a redução do conflito social por meio de uma participação dependente. As atitudes do homem alienado somente têm sentido quando consideradas como a contrapartida dos interesses daquele que o aliena [...] Nossa sociedade é uma sociedade de alienação não porque ela reduz à miséria ou porque impõe sujeições policiais, mas porque ela seduz, manipula, integra. [...] conflitos sociais que se formam nesta sociedade [...] são de natureza distinta daqueles da sociedade anterior. Eles opõem menos o capital ao trabalho do que os aparelhos de decisão econômica e política àqueles que estão submetidos a uma participação dependente.

Acerca da “natureza” dos novos “conflitos” da sociedade de novo tipo “pós-moderna” (TOURAINÉ, 1969, p. 16):

[...] conflito nasce quando essa alienação é combatida e quando os elementos marginais cessam de considerar-se como tais, tomando consciência de sua dependência e empreendendo uma ação centrada sobre si mesmos, sobre sua autodeterminação, ação que pode ir até a rebaixar o nível de participação em bens materiais para quebrar a dependência. [...] A desalienação pode ser somente o reconhecimento do conflito social que se interpõe entre os atores e os valores culturais.

Aprofunda: “[...] uma sociedade que repousava sobre o trabalho diretamente produtivo, é o operário qualificado, relativamente privilegiado [...] que se opunha mais diretamen-

te ao capitalista [...] Em uma sociedade em mudança, é a categoria mais aberta à mudança e mais favorecida por ela que se subleva mais diretamente contra a tecnocracia [...] Sublevação social e cultural mais que econômica.” (TOURAINÉ, 1969, p. 17).

A cartada final para entender este movimento de retirada da totalidade social com fulcro na luta de classes substituindo-a por questões culturais observa-se nesta passagem:

A questão não é de saber se os operários e o sindicalismo desaparecem, mas se o movimento da classe operária é, hoje como ontem, no coração da dinâmica dos combates da sociedade. Esta questão clara merece uma resposta simples [...] a classe operária não é mais, na sociedade programada, um ator histórico privilegiado [...] porque o exercício do poder capitalista no interior da empresa não é mais o elemento (ressort) principal do sistema econômico e, assim, dos conflitos sociais [...] nem a empresa, nem o sindicato são hoje os atores centrais da luta em torno do poder social [...] a institucionalização dos conflitos [...] constitui [...] um fato irreversível [...] o motor dos problemas, dos conflitos e dos atores que intervêm na evolução histórica está em vias de mudar. As lutas de amanhã não serão a retomada ou a modernização daquelas de ontem [...] as lutas propriamente sociais estão em vias de serem substituídas por revoltas culturais [...] os problemas e os conflitos sociais se situam hoje mais no domínio do consumo que naquele da produção [...] Os novos conflitos sociais não se colocam fora do sistema de produção, mas em seu centro. Eles se estendem a domínios novos da vida social, mas somente porque a informação, a educação ou o consumo estão ligados mais estreitamente que antes ao domínio da produção. (TOURAINÉ, 1969, p. 26/27/28/29).

É a partir destas concepções que o pós-modernismo mostra de vez a sua cara como um arcabouço teórico relativista e subjetivista, tirando o caráter material das análises sociais, caem as máscaras e a expressão da decadência teórica da pequena burguesia liberal se expressa como uma vertente “progressista” de “esquerda”. Defender a tese de que a luta de classes e, por conseguinte, os trabalhadores não são mais sujeitos históricos centrais ou “privilegiados” dentro da dinâmica social, não tendo mais relevância neste quadro é querer tornar universal os “paradigmas” da pequena burguesia europeia, e a sua luta pela apreensão “cultural”, é desprezar a realidade material, os trabalhadores antes de pensarem em cultura, precisam ter o que comer, beber, vestir, necessidades básicas e elementares que sequer o capitalismo consegue dispor de forma civilizatória. Touraine e Lyotard jogam para segundo plano as classes sociais e colocam as questões “culturais” como determinantes. É necessário retificar que para que a sociedade criasse as suas formas culturais ela precisou, antes, atender necessidades biológicas, como a alimentação, e foi por meio do trabalho que os humanos conseguiram alterar a natureza para garantir as condições materiais de subsistência. Portanto, as condições econômicas são balizadoras da produção cultural. Segundo o escritor e teórico Britânico Alan Woods, no seu texto “Uma introdução ao materialismo histórico”:

A noção de que o desenvolvimento das forças produtivas é a base da qual depende todo desenvolvimento social é uma verdade tão evidente que realmente surpreende

que algumas pessoas ainda a questionem. Não se requer muita inteligência para se entender que, antes dos homens e mulheres poderem desenvolver a arte, a ciência, a religião ou a filosofia, devem primeiro ter o que comer, roupas para vestir e casas para morar. Todas estas coisas devem ser produzidas por alguém e de alguma forma. E é igualmente óbvio que a viabilidade de qualquer sistema socioeconômico será determinada em última instância por sua capacidade de fazer isto. (WOODS, 2016, Parte 1).

Na parte 3 encontra-se: “O crescimento explosivo da civilização ocorre no Egito, na Mesopotâmia, no Vale do Indo, na China e na Pérsia. Em outras palavras, o desenvolvimento da sociedade de classes coincide com o aumento massivo das forças produtivas e, em consequência, da cultura humana, que se elevou a alturas sem precedentes.” (WOODS, 2016, Parte 3).

Na parte 4 do mesmo texto o Britânico formula:

A ascensão do sistema feudal seguindo-se ao colapso de Roma foi acompanhada por um longo período de estagnação cultural em toda a Europa ao norte dos Pireneus. Com a exceção de duas invenções: a roda d’água e os moinhos de vento, não houve nenhuma outra invenção real por cerca de mais de mil anos. Mil anos depois da queda de Roma, as únicas estradas decentes na Europa eram estradas romanas. Em outras palavras, houve um total eclipse da cultura. Isto resultou do colapso das forças produtivas, das quais, em última instância, a cultura depende. [...] Não é nenhuma coincidência que a ascensão da burguesia na Itália, na Holanda e na Inglaterra, e, mais tarde, na França, viesse acompanhada por um extraordinário florescimento da cultura, da arte e da ciência. A revolução, como uma vez disse Trotsky, sempre foi a força motriz da história. Em países onde a revolução burguesa triunfou nos séculos XVII e XVIII, o desenvolvimento das forças produtivas e da tecnologia foi complementado por um desenvolvimento paralelo na ciência e na filosofia. (WOODS, 2016, Parte 4).

Outra contribuição importante sobre a influência das relações de produção foi a de Marx postulando o seguinte:

Na produção social que os homens realizam, eles entram em determinadas relações indispensáveis e independentes de sua vontade; tais relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento das suas forças materiais de produção... O modo de produção da vida material determina o caráter geral dos processos da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina sua existência, e sim, pelo contrário, é sua existência social [que] determina sua consciência. (MARX, apud WOODS, 2016, Parte 1).

Para nós, os fenômenos sociais não são partes isoladas do todo que se autoproduzem e autorreproduzem de maneira independente da matriz econômica. Na mesma linha, Engels, em sua obra, “Do Socialismo utópico ao socialismo científico”, conceitua o materialismo histórico como:

A concepção materialista da História parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades

que desfilam pela História, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos Homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz, e pelo modo de trocar os seus produtos. (ENGELS, 2008, p.91).

Essa posição de forma alguma pode ser confundida com um “determinismo economicista”, não é preciso adotar uma leitura marxista “fatorialista” para entender a forte influência da questão econômica nas formas sociais, em nenhum momento compreende-se que o fator econômico é o único determinante, nem mesmo que ele seja o mais “especial”, ou mais “relevante”, existem inclusive obras em que Karl Marx advoga à certos períodos históricos a preponderância do fator cultural ao econômico, ou do político sobre o econômico, como em trechos do “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”. A tese materialista é de que os demais fatores sociais são frutos das relações de produção, isso de forma nenhuma conclui que, por exemplo, a cultura seja a mesma coisa que a economia, ou que sempre inexoravelmente uma vai preponderar mais sobre a outra, a conclusão é que uma deriva da outra, ou seja, sem a produção das condições materiais de existência humana não há nem sociedade, quanto mais cultura, conseqüentemente, ambas estão em certo grau interligadas e influenciando-se. Mas, não é possível fazer como os pós-modernos que descartam a categoria do “trabalho” como elementar, pois, sem ele, não se cria cultura, não é possível entender a totalidade social e os seus complexos sem a integração da questão da economia política. Dizem-se contrários a um suposto “determinismo econômico”, mas se fecham em um “determinismo cultural”, tudo vira resultante de uma forma cultural, e a luta de classes sai de todas as análises, as críticas ao capital também desaparecem como consequência disto, a luta econômica e política somem e dão lugar a uma luta somente do mundo da cultura. Com a economia política não se entende tudo sobre as relações sociais, a realidade é permeada por múltiplas determinações e milhares de fatores, mas também, sem ela, não se entende nada, isto posto, a melhor forma de apreender o movimento real é analisando a sociedade como um todo entrelaçado, entendemos que são incorretos os métodos pós-modernistas, em especial os propostos por Lyotard e Touraine, pois jogam na “lata de lixo” a totalidade, para utilizar categorias isoladas, “microanálises”, incorrem no erro da superação da “modernidade” e das grandes ”narrativas”, acreditam já serem ultrapassados os “paradigmas” da totalidade. Nós, por outro lado, mantemos acesa a esperança da transformação estrutural, e para isso, é preciso tocar na pauta econômica inevitavelmente, a luta de classes ainda é fundamental na sociedade contemporânea, acompanhamos Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista:

A história de todas as sociedades até nossos dias é a história de luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre e companheiro,

numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma batalha ininterrupta, ora aberta, ora dissimulada. [...] Nas primeiras épocas da história encontramos quase por toda a parte uma organização completa da sociedade em classes distintas, uma hierarquia variada de condições sociais. (MARX e ENGELS, 2012, p.38).

Em relação ao método do materialismo histórico não levar em conta somente a determinação econômica, resgataremos um trecho da carta de Engels para Bloch:

Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante da história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos alguma vez outra coisa além disto; por conseguinte, se alguém o tergiversa transformando-o na afirmação de que o elemento econômico é o único determinante, o transforma em uma frase sem sentido, abstrata e absurda. (ENGELS a BLOCH, 21 de setembro de 1890, Selected Correspondence, p. 475, apud WOODS, 2016, Parte 1).

György Lukács, na mesma linha de Engels, na frase de abertura do ensaio que fez sobre Rosa Luxemburgo, escreveu: “É o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história o que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa.” (LUKÁCS, 1965, p. 47, apud NETTO, 2004).

Acerca do abandono dos modelos generalizantes, e das “metanarrativas”, feito por Lyotard, que gerou uma degradação da teoria social e um relativismo descontrolado, o autor Perry Anderson assegura que não foi uma ação opcional e pensada por Lyotard, ele alega dois fatores para defender esta tese, o primeiro, foi o pouco conhecimento do francês à época que fez o livro “A condição pós-moderna”, e o segundo, o desenvolvimento de sua obra posterior que apesar de manter em larga escala traços semelhantes, não tem um relativismo tão “vulgar” quanto foi no período anterior.

[...] A condição pós-moderna foi o primeiro livro a tratar a pós-modernidade como uma mudança geral na condição humana. O ponto de vista do filósofo assegurava-lhe uma ressonância maior entre o público do que qualquer intervenção anterior: continua até hoje talvez a obra mais citada sobre o assunto. [...] o livro é um guia equivocado para a posição intelectual diferente de Lyotard. Pois A condição pós-moderna, escrito sob encomenda oficial, atém-se essencialmente ao destino epistemológico das ciências naturais – sobre os quais, confessaria mais tarde Lyotard, seu conhecimento era mais do que limitado. O que ele via nelas era um pluralismo cognitivo baseado na noção – nova [...] de jogos linguísticos diversos e não mensuráveis. A influência subsequente do livro, nesse sentido, foi uma proporção inversa ao seu interesse intelectual, pois se tornou a inspiração de um relativismo vulgar que muitas vezes, tanto aos olhos dos amigos quanto dos inimigos, passa a ser a marca do pós-modernismo. (ANDERSON, 1999, p.33/34).

Neste quesito em específico temos discordância com Anderson, primeiro pelo simples fato de que atestar pouco conhecimento sobre a epistemologia por parte de Lyotard naquele período nos parece equivocado, dada a exposição e sistematização feita na obra, mesmo que o próprio autor tenha alegado isto, segundo que, de nossa parte não existe obje-

ção ao fato de ter-se chegado ao relativismo seja intencional ou não, aqui não se trata de uma análise sobre a intenção do autor e sim da sua teorização, neste ponto, em “A condição pós-moderna” de maneira intencional ou não, lançou-se as premissas fundamentais para que o pós-modernismo alcançasse este patamar que já vinha sendo gestado desde o seu momento puramente estético, portanto, não foi somente em Lyotard e de forma casuística que se chegou até aí, inclusive foi por forte influência das formas ideológicas do “capitalismo tardio”. E por fim, é evidente que o autor evoluiu muito após a obra, e de fato, ela não pode ser analisada de forma separada das demais, é preciso ter uma metodologia de encarar o autor como uma síntese global de pensamento, e justamente por isso, todas as suas passagens históricas estão interligadas, é óbvio que o seu conhecimento sobre as ciências naturais evoluiu, também entra em seu objeto de estudo de forma muito mais profunda as questões políticas e culturais, mas isso não altera o fato de que mesmo com uma feição mais intelectualizada, com uma complexidade teórica maior, ele tenha continuado e levado consigo as bases elementares daquele pensamento exposto na “A condição pós-moderna”, a questão nevrálgica do relativismo e da “anti-totalidade” mantiveram-se, o seu pensamento não se tornou contrário a vulgaridade pelo fato de ter se desenvolvido, é preciso entender que dentro da teoria social, tanto o relativismo “vulgar” citado por Anderson quanto um relativismo complexo e mais qualificado teoricamente, são ambos, vulgarização.

E esta concepção teórica levou ao próprio Lyotard a aprofundar a sua confusa ação política antes mesmo de 1979, ano da publicação do livro supracitado, estamos convencidos de que uma análise estrutural ou conjuntural incorreta, em última instância, leva a uma ação prática também errônea. Encontramos a validade desta premissa nos seguintes trechos:

Militante do grupo de extrema-esquerda Socialisme ou Barbarie por uma década (1954-1964), durante a qual foi um crítico extremamente lúcido da guerra da Argélia, Lyotard continuou militando na dissidência Pouvoir Ouvrier por mais dois anos. Rompendo com esse grupo quando se convenceu de que o proletariado não era mais um agente revolucionário capaz de desafiar o capitalismo. [...] Por ocasião de *Dévive á partir de Marx et Freud* (1973) ele tinha chegado a uma energética política mais drástica. “A razão”, declarou, “já está no poder com o kapital. Queremos destruir o kapital não porque não é racional, mas porque é. A razão e o poder são uma coisa só.” Não há “nada no kapitalismo, nenhuma dialética que o leve a sua superação e sucessão pelo socialismo: está agora claro para todos que o socialismo é idêntico ao kapitalismo. [...] A única coisa que poderia destruir o capitalismo era o “desvio do desejo” entre os jovens, em todo o mundo, de um investimento da libido no sistema para estilos de conduta” cujo único guia é a intensidade afetiva e a multiplicação do poder da libido” [...] A arte, nesse sentido, está por baixo de qualquer política insurrecional. “A estética foi, para o homem político que eu fui (e continuo sendo), não um alibi, um refúgio confortável, mas a falha e a fissura para descer ao subsolo da cena política. (ANDERSON, 1999, p.34/35).

Para além da confusão conceitual entre socialismo e capitalismo que se demonstra uma noção deturpada, percebe-se já neste período uma compreensão do real subsumido ao estético, ou seja, sendo uma espécie deste e não o seu gênero. Na leitura de Perry Anderson o pós-moderno Lyotard aprofunda a sua noção relativista e individualista como veremos:

[...] mito nostálgico da troca simbólica, era de qualquer utilidade. Para desmascarar “o desejo chamado Marx”, era necessária uma completa transcrição da economia política para a economia libidinal [...] mesmo pelos primeiros operários da indústria – com gozo erótico: o prazer masoquista ou histérico da destruição da saúde física em minas e fábricas ou da desintegração da identidade pessoal em favelas anônimas. O capital era desejado por aqueles que dominava, então como agora. A revolta contra ele ocorria apenas quando os prazeres que permitia se tornavam “insustentáveis” e havia uma abrupta mudança para novos escoadouros. Mas estes nada tinham a ver com as tradicionais santarrices da esquerda. [...] Não há nenhuma dignidade libidinal, nem liberdade libidinal ou fraternidade libidinal. (ANDERSON, 1999, p.35).

Existe a presença inegável de um irracionalismo em algumas formulações de Lyotard, um posicionamento que beira uma espécie de “Hedonismo Niilista”, apostando em ações individuais para combater o capitalismo, através de expressões artísticas ou individualistas na quebra de “paradigmas” sobre os “desejos”. Como se a esfera cultural fosse à única estruturante do sistema econômico vigente, e para combater os “signos” da sociedade opressora, o caminho seria transgredi-los, para assim, supera-los e, por conseguinte toda a estrutura. Nada mais ingênuo e liberal do que estas proposições e é nestas concepções que se assentaram as bases teóricas do que hoje nós conhecemos como “pós-modernismo”, uma teoria social que mistifica-se dentro de si mesma, apresentando-se como “progressista” e anti-sistêmica, quando a sua fundamentação metodológica não é nada mais novo do que a própria ideologia liberal individualista, subjetivista e relativista virada à “esquerda”, que levam as tão faladas “políticas de identidade”. Disserta acerca disto o filósofo, Terry Eagleton, no capítulo 2 de sua obra “As Ilusões do pós-modernismo”:

Não se tratava, vale dizer, de um desvio da política para outra coisa, visto que a linguagem e a sexualidade são políticas até a raiz dos cabelos; mas se revelou, por conta de tudo isso, uma maneira valiosa de deixar para trás algumas questões políticas clássicas, tais como por que a maioria das pessoas não dispõe do suficiente para comer, que acabaram de certa forma escorraçadas da ordem do dia. [...] O prazer voltou com força total para infestar um radicalismo cronicamente puritano, e também se revelou uma versão cínica do hedonismo consumista. O corpo — um tema tão óbvio e importuno para ser ignorado sem a menor cerimônia durante séculos — abalou as estruturas de um discurso racionalista exangue, e está no momento em vias de tornar-se o maior fetiche de todos. (EAGLETON, 1996, p.23).

Já no capítulo 6 ele comenta as contradições pós-modernas e as suas origens:

Há um tipo parecido de contradição incorporada ao pós-modernismo, que também é simultaneamente radical e conservadora. Uma característica marcante das sociedades capitalistas avançadas encontra-se no fato de elas serem tanto libertárias como autoritárias, tanto hedonistas como repressoras, tanto múltiplas como monolíticas. E não é difícil descobrir a razão disso. A lógica do mercado é de prazer e pluralidade, do efêmero e descontínuo, de uma grande rede descentrada de desejo da qual os indivíduos surgem como meros reflexos passageiros. [...] O pós-modernismo, em suma, rouba um pouco da lógica material do capitalismo avançado e a volta agressivamente contra seus fundamentos espirituais. [...] Mas o pós-modernismo pertence nesse aspecto a uma época de transição, em que o metafísico, como um fantasma inquieto, não pode nem ressuscitar nem morrer com dignidade. Se ele pudesse deixar de existir, o pós-modernismo sem dúvida morreria com ele. [...] Mas seu relativismo cultural e seu convencionalismo moral, seu ceticismo, pragmatismo e bairrismo, seu desagrado com idéias de solidariedade e organização disciplinada, sua falta de qualquer teoria adequada de ação política: tudo isso ia depor muito contra ele. No confronto com seus adversários políticos, a esquerda, hoje mais que nunca, precisa de sólidos fundamentos éticos e mesmo antropológicos: é provável que nada menos que isso nos possa suprir dos recursos políticos de que necessitamos. E, nessa área, o pós-modernismo acaba sendo mais parte do problema que da solução. (EAGLETON, 1996, p.101/102/103).

Voltando a discorrer a respeito de Lyotard, o condicionamento do seu pensamento pelo seu tempo histórico é crucial para conseguir identificar a genealogia estruturante das suas teses, como já salientamos anteriormente, o período de desenvolvimento capitalista Europeu influenciou diretamente o seu entendimento de mundo, as suas noções de desejo em alguma medida estão interligadas ao consumo desenfreado da sociedade do capital, naquele momento, perpassava como elemento central por suas lentes de observação, então, ele considerava uma sociedade de novo tipo, de consumo, a questão da exploração das classes sociais já não se demonstrava mais como determinante, o que foi o seu grande erro teórico, subestimou a capacidade revolucionária dos trabalhadores e os jogou para segundo plano na atividade política do nosso tempo, como se os seus problemas já estivessem sidos resolvidos pelo sistema econômico atualizado e que o primeiro plano seria a luta contra a “cultura dominante”. Perry Anderson examina isto neste trecho: “[...] O consenso gaullista do início dos anos 60 convenceu-o de que a classe operária estava agora essencialmente integrada ao capitalismo. [...] A onda eufórica de consumismo que varreu o país no início e meados dos anos 70 levou então à (generalizada) teorização do capitalismo como um aerodinâmico mecanismo de desejo.” (ANDERSON, 1999, p.35/36).

Ao menos, Lyotard, com as suas concepções teóricas já em definição, levava a cabo uma prática política assumidamente anticomunista, diferentemente do que vemos em alguns pós-modernos do século XXI que tentam fundir marxismo e pós-modernismo, em um revisionismo aparente na perspectiva de “atualizar” o “imprescindível” “marxismo”. Perry já asseverava o anticomunismo ferrenho dele:

Nas vicissitudes da trajetória política de Lyotard sempre houve uma constante. O grupo Socialisme ou Barbarie era violentamente anticomunista desde o início e, fossem quais fossem as outras mudanças de tom ou convicção de Lyotard, esse continuou sendo um elemento arraigado de sua visão. [...] Quando se avizinhavam as eleições de 1978 [...] Por um lado, eram salutares os furiosos ataques que desfechavam contra o comunismo; por outro, constituíam visivelmente um círculo peso-leve comprometido num abraço com o poder oficial. [...] A intervenção de Lyotard nos debates pré-eleitorais [...] Foi aí que ele formulou pela primeira vez a idéia das metanarrativas que figuraria de modo tão destacado em A condição pós-moderna e deixou em claro o seu verdadeiro alvo. Apenas uma “narrativa mestra” está na origem do termo: o marxismo. (ANDERSON, 1999, p.36).

Também nesta passagem: “Com A condição pós-moderna Lyotard anunciou o eclipse de todas as narrativas grandiosas Aquela cuja morte ele procurava garantir acima de tudo era, claro, a do socialismo clássico. Nos textos subsequentes ele ampliaria a lista das narrativas então extintas” (ANDERSON, 1999, p.39).

Tamanha era a sua desconexão da realidade material, que Lyotard não compreendia como essencial as condições degradantes e exploratórias as quais os trabalhadores estavam sujeitos, em determinados momentos ele questionava a concepção que Marx tinha da sociedade e das suas mazelas, acreditava que um suposto “desejo” presente nas relações de trabalho era deixado para trás nas observações sociais. A tal ponto que, chega a se referir com descaso e desmerecer até a morte dos operários:

Defendendo mais uma vez a sua tese da jouissance [gozo, prazer] do proletariado industrial primitivo no seu labor [...] Lyotard argumentou: “se você descrever o destino dos operários exclusivamente em termos de alienação, exploração e pobreza, você os apresenta como vítimas que sofreram passivamente todo o processo [...] Você não vê o essencial, que não é o crescimento das forças de produção a qualquer preço, nem mesmo a morte de muitos operários [...] Deixa de ver a energia que mais tarde se espalhou nas artes e ciências, o júbilo e a dor da descoberta que se pode oferecer (viver, trabalhar, pensar, ser afetado) num lugar onde se achava sem sentido fazê-lo. Independente do sentido da, dureza.” (ANDERSON, 1999, p.37).

Com o advento da queda da União Soviética, em decorrência disso, veio a forte luta do imperialismo Norte-Americano para buscar alcançar uma hegemonia ideológica no mundo inteiro, financiando o anticomunismo e vendendo a ideologia burguesa como eterna e universal, um sistema que é particular teorizam como geral e supra-histórico, o denominado “fim da história” (FUKUYAMA, 1992). Depois destes eventos históricos, o teórico do fim das grandes “metanarrativas”, dos modelos totalizantes e generalizantes, Lyotard, dobra-se diante da grande narrativa do capital, confirmando o que já era notório de que a única narrativa que ele se propunha a enfrentar centralmente era a Marxista, e se transforma em um mero apologista do capitalismo, inclusive, tentando utilizar categorias da teoria da natureza para justificar um sistema socialmente construído e constituído:

Com a profunda mudança de conjuntura nos anos 80 – a euforia do boom no período Reagan e a triunfante ofensiva ideológica da direita que culminou com o colapso do bloco soviético no final da década [...] Como é que Lyotard se adaptaria a essa evolução inesperada? [...] No final dos anos 90 Lyotard encontrou uma saída mais efetiva para essa dificuldade [...] “O capitalismo é, mais precisamente, uma representação. Como sistema, sua fonte de calor não é a força de trabalho mas a própria energia, a física” [...] Argumentaria então que o triunfo do capitalismo sobre sistemas rivais foi resultado de um processo de seleção natural que pré-datava a própria vida humana. (ANDERSON, 1999, p.39/40).

Lyotard passou a assumir a tese de que o sistema capitalista era fruto de uma série de combinações entre a natureza e a sociedade, sendo ele inevitável e até certo ponto indestrutível, somente se extinguindo com o fim da própria humanidade, nada mais anti-histórico do que esta posição. Os que acusavam o Marxismo de ser “determinista” por incluir no objeto de análise as questões econômicas em conjunto com as demais, começaram a defender que o sistema socioeconômico era pré-determinado e inesgotável, algumas das contradições inerentes aos ideólogos do capital:

Mais alguns milênios, pontilhados pelas revoluções neolítica e industrial, e “sistemas chamados democracias liberais” se mostraram mais adequados para essa tarefa, derrotando os competidores comunistas e islâmicos e moderando os perigos ecológicos. “Nada parecia capaz de deter o desenvolvimento desse sistema, exceto a inevitável extinção do sol. Mas para enfrentar esse desafio o sistema já desenvolvia as próteses que lhe permitiriam sobreviver depois que a fonte de energia solar se apagasse” [...] O motor último do capitalismo é assim não a sede de lucro ou qualquer desejo humano, mas o desenvolvimento como neguentropia. (ANDERSON, 1999, p.40/41).

Estas formulações estão em um nível de abstração absurdo. Falar que o capitalismo encontra a moderação para as questões ecológicas é pura ideologia burguesa, um sistema em que as relações de produção no período contemporâneo travam o desenvolvimento das próprias forças produtivas, no sentido de que bloqueiam a utilização e construção de instrumentos e objetos que sejam eficientes na preservação da natureza, pois os seus custos de produção são mais altos do que os produtos que na sua produção causam uma maior poluição natural. Neste sentido, os lucros das empresas tem um peso maior do que o bem estar da coletividade, um sistema onde se produz não com uma finalidade social ou para o simples valor de uso e sim com o objetivo da autovalorização e reprodução do capital, no capitalismo vemos a predominância do foco no mero crescimento econômico e não no desenvolvimento sustentável. Apenas em um sistema no qual os meios de produção sejam coletivos que será possível de fato diminuir a poluição e o desmatamento em favor da humanidade, neste atual ritmo de degradação ambiental exacerbada estaremos condenando as futuras gerações a problemas gravíssimos com a natureza.

É possível encontrar em parte de Lyotard a concepção de que o motor último do capitalismo não é a sede por lucro, entende-se que o autor tenta afastar uma ideia de individualização de condutas que possam reger a sociabilidade, mas, ainda assim, demonstra não ter conhecimento aprofundado da Economia Política, desconhecendo a “lei geral da acumulação capitalista” explicada por Marx na obra “O Capital”, neste sistema vigente, o capital é uma relação social que se autovaloriza e expande sem limites, independente das vontades humanas, essa é uma das leis intrínsecas engendradas por este modo de produção. Lyotard ainda levanta a hipótese de que a lei geral do capitalismo estaria ligada a uma “neguentropia”, ou seja, um padrão elevado de organização e ordem. Mas a prática social é o critério da verdade, retirada do processo real, o que é observável é um enorme irracionalismo no sistema do capital, em que ele mesmo produz as suas próprias crises que compõem um elemento estrutural de sua natureza, uma questão orgânica e endêmica do seu sociometabolismo.

Finalizando o exame das teses essenciais de Lyotard para compreender o rebaixamento teórico proporcionado pelo “pós-modernismo” no ambiente da esquerda mundial, citaremos mais um trecho em que se evidencia a sua apologia aberta ao capitalismo:

Com efeito, admite: “a emancipação não é mais tarefa de conquistar e impor a liberdade de fora” em vez disso, é “um ideal que o próprio sistema se esforça em realizar na maioria das áreas que core, como o trabalho, os impostos, o mercado, a família, o sexo, a raça, a escola, a cultura, a comunicação” Obstáculos e resistências apenas o estimulam a ser mais aberto e complexo, promovendo empreendimentos espontâneos – e “isto é emancipação palpável” (ANDERSON, 1999, p.42).

A derrocada do “Socialismo Real”, como já mencionado acima, trouxe um enorme “paradigma” dentro das teorias sociais, muitos anunciaram o fim do marxismo e da sua utilidade, como se fosse algo ultrapassado, foi neste contexto que o pós-modernismo pôde de fato crescer e ganhar notoriedade mundial, mesmo que no Brasil, por exemplo, a fundação Ford já estivesse fomentando este tipo de pensamento nas instituições do país desde o golpe militar de 1964, com um programa de transferência dos eixos teóricos da ciência política no Brasil, havendo diversos encontros entre os representantes da Ford e os cientistas sociais brasileiros (CANEDO, 2016), financiando, posteriormente, uma enorme quantidade de ONGs ao redor do mundo, com ideólogos pós-modernos responsáveis por traçarem as diretrizes teóricas e as formulações de políticas públicas que seriam pleiteadas. No final da década de 80 e no início da de 90, do século passado, há uma explosão do pós-moderno, e a maior parte dos partidos e dos acadêmicos passavam a se “atualizar” e “modernizar”, o que

ocasionou a formação de partidos de esquerda de “novo tipo”, deixando-se de lado pela maioria a forma política construída pelo bolchevismo.

[...] parte da intelectualidade da esquerda ocidental e parte dos movimentos sociais que (convergiaram no chamado maio de 1968) alimentaram um anticomunismo aberto ou velado (como se pode constatar no âmbito da ideologia pós-moderna). Contribuiu para isso também o agravamento da crise das experiências socialistas existentes no Leste europeu e na própria União Soviética, que se aprofundava à medida que se estreitavam os níveis de socialização da política. (BRAZ, 2015, p.17).

As universidades são um instrumento de transmissão ideológica do capitalismo, principalmente no tocante à formação da força de trabalho pautada no individualismo e na competitividade, além do convencimento da “meritocracia”, “preparando” os discentes para o mundo do trabalho, mas, ainda assim, sempre houve espaço de resistência crítica mesmo que mínimo dentro das academias, e o pós-modernismo passou a ser a grande “arma” da crítica, sendo preponderante no setor de esquerda dos detentores do conhecimento, dividindo a escola pós-moderna em várias correntes diferentes, sendo hoje quase impossível identificar e explicar o que de fato seja o fenômeno do pós-modernismo, apenas entender quais são as bases centrais que interligam cada corrente, com a maioria dos seus autores sem aceitar o próprio “rótulo” e não reivindicarem para si ser parte dessa linha de pensamento. Essas divisões levaram ao reconhecido teórico Boaventura de Sousa Santos a definir duas grandes vertentes para tal movimento, as quais ele denominava uma de “pós-modernismo de celebração” e a outra de “pós-modernismo de oposição”. O, professor, José Paulo Netto, tece algumas considerações sobre essa posição de Sousa Santos, no ensaio, “De como não ler Marx ou o Marx de Sousa Santos” inserido no Apêndice do livro “Marxismo impenitente - contribuição à história das ideias marxistas”:

No campo dos que sustentam a exaustão do “paradigma da Modernidade”, Sousa Santos distingue (numa operação que, aliás, se encontra em outros analistas) duas concepções diferentes: de um lado, há aqueles para os quais o exaurimento da Modernidade significa o colapso final de suas promessas, de quaisquer objetivos transistóricos, com as práticas sociais das sociedades contemporâneas não tendo mais qualquer alternativa, está aqui o “pós-modernismo reconfortante ou de celebração” (idem: 35), seguramente portador do neoconservadorismo outrora denunciado por Habermas; doutro, localizam-se os que argüem a Modernidade seja cultural, seja sociopoliticamente, verificando “que as promessas da Modernidade, depois que essa deixou reduzir suas possibilidades às do capitalismo, não foram nem podem ser cumpridas (idem, ibidem), porém demandando uma nova epistemologia e uma nova socialidade, tem-se aí o “pós-modernismo inquietante ou de oposição” (idem, ibidem), no qual Sousa Santos se vê inscrito. É claro que, para o “pós-modernismo de celebração”, não se põe o problema de um projeto societário distinto ao do capital (nele, a história chegou, fukuyamamente, ao fim); assim, a dupla dimensão da transição paradigmática só se coloca para a vertente “inquietante”. Curiosa, mas explicavelmente, a distinção entre as duas vertentes, –Sousa Santos assevera, expressamente, que são antagônicas (idem, ibidem), posição que está

longe de ser inteiramente fundada [19], se esbate inteiramente no nível da teoria do conhecimento quando se trata de apreciar Marx. Segundo Sousa Santos, para o “pós-modernismo de celebração”, “o marxismo nada tem a contribuir” (idem, ibidem); mas, também para o próprio autor, “no plano epistemológico, o marxismo pouco pode contribuir para nos ajudar a trilhar a transição paradigmática” (idem, ibidem). Tem-se, aqui, um “antagonismo”... relativo! A explicação reside, a meu ver, não apenas num viés irracionalista que permeia ambas as posições, [20] mas na concepção, de fato esposada pelos dois “pós-modernismos”, do “paradigma da ciência moderna” com que operam [21]. (NETTO, 2004).

Embora sejam respeitáveis e destacáveis as lutas políticas encampadas por Sousa Santos e o seu engajamento em movimentos sociais de todo o mundo, não poderemos deixar de discordar das suas concepções, mesmo que, consideremos que este seja um dos maiores pesquisadores da contemporaneidade e, de forma quase que incontestada, seja o maior teórico vivo do pós-modernismo. Ele se considera como participante de um hipotético movimento “crítico”, mas, apesar de tentar incansavelmente alcançar uma sociedade melhor, as suas bases teóricas não estão muito distantes do “pós-modernismo de celebração”, pois, em todas as correntes existem um conjunto de elementos análogos, e dentre eles, as categorias medulares e edificantes da teoria estão presentes, são elas: “Relativismo”, “Individualismo”, “Subjetivismo”. Neste campo, a grande diferença se dá na ação prática política de cada um e não em suas compreensões da realidade, em termos epistemológicos os seus referenciais partem do mesmo horizonte relativista, portanto, pouco podem compreender da materialidade dos processos sociais, como disposto em todo nosso exame neste presente artigo. Para o referido autor, o “Socialismo” e a transformação da sociedade são como ideias abstratas, termos genéricos que se esvaziam de toda a sua substancialidade e do seu conteúdo revolucionário de mudanças consequentes e radicais, como veremos neste trecho: “Mas, enquanto futuro, o socialismo não será mais do que uma qualidade ausente. [...] será um princípio que regula a transformação emancipatória do que existe sem, contudo, nunca se transformar em algo existente. [...] a emancipação não é mais que um conjunto de lutas processuais, sem fim definido.” (SANTOS, 1999, p.277).

Boaventura incorre também em todos os erros já citados e encontrados nos autores pós-modernos discutidos quando analisam o Marxismo, um dos principais “espantalhos” propagados por ele é o do “determinismo”, invocando que em Marx é identificada uma visão de “evolucionismo” tendo por evidência que um sistema inexoravelmente virá para substituir o outro, uma previsão “utópica” de Marx que foi negada pela própria história. Marx revira-se no túmulo ao ser acusado destas inverdades, concederemos ao próprio o direito de defesa, o mesmo ainda em vida invalidou estas críticas infundadas, antes mesmo da

própria existência do pós-modernismo, segue a resposta escrita na “Carta ao Diretor da Revista Russa *Otiechéstvennie Zapiski*”:

O autor do artigo *Karl Marx diante do Tribunal de M. Shukovsky* é evidentemente um homem inteligente e se, em minha exposição sobre a acumulação primitiva, ele tivesse encontrado uma única passagem em apoio às suas conclusões, ele a teria citado. [...] Agora, qual aplicação à Rússia pode meu crítico fazer deste esboço histórico? Unicamente esta: se a Rússia tende a se transformar em uma nação capitalista a exemplo dos países da Europa Ocidental – e durante os últimos anos ela tem estado muito agitada seguindo esta direção – ela não terá sucesso sem primeiro transformar uma boa Parte dos seus camponeses em proletários; e, em consequência, uma vez chegada ao coração do regime capitalista, ela experimentará suas impiedosas leis tal como os outros povos profanos. Isso é tudo. Mas é pouco para o meu crítico. Ele se sente obrigado a metamorfosear meu esboço histórico da gênese do capitalismo na Europa Ocidental numa teoria histórico-filosófica da *marche generale* [marcha geral] que o destino impõe a todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas em que eles se encontram, a fim de que possa chegar finalmente a essa formação econômica que assegura, junto ao maior desenvolvimento as capacidades produtivas do trabalho social, o mais completo desenvolvimento do homem. Mas eu lhe peço desculpas. (Ele está simultaneamente a honrar-me e a insultar-me excessivamente). (MARX, 1877).

Encerraremos por aqui esta breve e simplória análise acerca das condições teóricas do “pós-modernismo” e de suas implicações na ação política da esquerda mundial. Evitando repetições inoportunas no tocante ao não aprofundamento das teses de Boaventura de Sousa Santos, pois o essencial para o objeto em estudo já havia sido apreendido nos autores anteriores, deixando uma análise mais densa sobre o mesmo para outro artigo posterior em específico. Por fim, destacaremos algumas questões cruciais da conjuntura Brasileira que apontam a forte influência do “pós-modernismo” e a urgente necessidade de combatê-lo.

Notas preliminares sobre a conjuntura brasileira:

O pensamento pós-moderno nos últimos períodos tem se enraizado nos movimentos sociais, partidos de esquerda e nas academias brasileiras. A consequência direta disto é a troca da luta universal da classe pelas lutas particulares, isoladas, sem nenhuma conexão com a totalidade. As lutas particulares também são fundamentais e importantes, mas desconectadas do todo não alcançam a radicalidade, ou seja, não tomam as coisas pela raiz, pelo seu núcleo fundante e, por isso, não tem caráter de real de emancipação e de libertação. Mas, isto são apenas os produtos de toda a situação, os resultantes, já os fatores são mais complexos, para que se chegasse a este nível de descaracterização do conteúdo substancial das questões sociais, fez-se necessário uma ampla atomização das lutas, desclassificando e fragmentando a classe trabalhadora brasileira em vários pedaços, uma divisão interna em todo movimento proletário, agora cada indivíduo tem seus próprios problemas que não podem ser entendidos pelos outros, o sentido de unidade e de coletividade não só se tornou

dispensável, mas execrável e “totalitário”. O indivíduo está acima do coletivo, assim como as doutrinas liberais já defendiam há séculos, agora a “esquerda” entra na mesma concepção.

Como supracitado essas ações políticas são apenas as consequências, os alicerces são as categorias pós-modernas que trazem todo o debate para o âmbito cultural, fechando-se nele. Neste sentido, não há possibilidade de levantar as bandeiras históricas da classe trabalhadora, as demandas econômicas e políticas são olvidadas, restringindo-se as perspectivas à “Representatividade” das minorias, cada setor com a sua própria reivindicação apartada. O “subjetivismo” e o “individualismo” entram em cena e acarretam problemáticas seriíssimas no desenvolvimento da luta de classes brasileira, a predominância unicamente cultural fez crescer um simbologismo exasperado, no qual a realidade concreta se transforma em algo supérfluo, e o que deve ser conquistado são os espaços de “poder” simbólicos da sociedade do capital, ocorre uma subsunção do real ao estético, como se o real fosse derivado do estético e não o contrário, um “acultramento do real”, de modo que real e estético se fundissem sob o prisma do subjetivo, a concretude é enxergada em tons de abstração simbólica, a materialidade desaparece dos liames epistêmicos.

O exemplo mais evidente deste processo é o fato de que Michel Temer foi o Presidente da República mais rejeitado da história do país, com quase zero em termos percentuais de aprovação, mas, ainda assim, manteve-se no poder político, em uma sociedade polarizada pela crise do capital. O que faltou para a sua derrubada? Vários elementos, poderíamos citar a forte burocratização das centrais sindicais que travaram as greves e as lutas, mas este não é nosso objeto de análise neste artigo, mas traremos outro fator com muita influência, quase todas as manifestações contra o governante centraram a sua atuação nos limites da ordem burguesa e nos seus parâmetros de institucionalidade, colocando como central a “guerra” simbólica, o que foi priorizado foi a luta estética, as grandes faixas e cartazes, as fotos antológicas, as coreografias, as palavras de ordem, as músicas ensaiadas, tudo foi tratado como uma grande festa e a disputa continuou sem afetar as questões econômicas e políticas do capital, toda uma estética esplendorosa, como se tudo aquilo fosse retirar Temer da presidência, e acreditavam piamente que sim, o conteúdo era deixado de lado e a forma era priorizada. Mas, felizmente, a realidade não pode ser apagada, e um forte período de contradições entre o objetivo das massas entrou em confronto com essa subjetividade pós-moderna, ao passo que víamos esse aprisionamento simbólico, também explodiu a maior greve geral da história do país em 2017, a guerra de classes movida pela burguesia contra os trabalhadores fez acordar as forças do trabalho, os proletários independentes e até mesmo os

organizados superaram as burocracias que os submetiam por alguns instantes. É necessário romper com o pós-modernismo que os ideólogos burgueses introduziram nos movimentos sociais e superar as direções sindicais e partidárias burocráticas para que a objetividade possa apontar qual a ordem do dia.

Outro exemplo recente foi a prisão do ex-presidente Lula no sindicato dos metalúrgicos do ABC. Foi montada toda uma situação para a “resistência”, milhares de pessoas compareceram, mas o que estava pronto para aqueles dias era algo totalmente diferente de “resistência.”. Um grande espetáculo simbólico foi orquestrado pela direção petista, um enorme ato para tirar fotos, fazer vídeos e criar um momento falseado de luta, celebridades compareceram, estiveram presentes até entidades religiosas para realização de um ato ecumênico. Criou-se um cenário estético para que saísse em todos os jornais do mundo, não havia nenhuma intenção de confronto, pois desde o início o objetivo era fazer um espetáculo para elevar a imagem de Lula e do PT, uma série de encenações arquitetando uma pseudo-realidade artificialmente concebida a priori, a realidade concreta revestiu-se como uma ilusão, a imaginação distorceu o real, a preponderância estética mais uma vez mostrou sua face. Porém, no mesmo sentido das manifestações aludidas anteriormente, houve uma contradição entre o objetivo e o subjetivo, como são uma unidade de diversos, em momentos extremos a realidade arrasta os indivíduos para que consigam enxergar o concreto que lhe afeta objetivamente, foi quando grande parte das pessoas que ali estavam com intuito de resistir, acordaram de todo teatro simbólico realizado e decidiram ultrapassar as decisões da direção do PT, essas pessoas clamaram pela luta, suplicaram, imploraram, e por suas próprias mãos impediram Lula de sair do sindicato por horas, mesmo contra a vontade dele. Evidentemente que outra parte dos indivíduos presentes ainda estavam atônitos sem compreender o que estava se passando naquele episódio fatídico, ainda permeadas por toda a noção pós-moderna dos fenômenos. A única forma de o ex-presidente sair do sindicato foi pelos fundos, escoltado por sindicalistas, demonstrando as suas reais intenções com aquela encenação constituída e desautorizando a decisão das massas.

Portanto, urge a necessidade da superação da teoria social pós-moderna, não por um embate sobre qual teoria é a mais fundamentada, e sim pela própria luta de classes, para que os trabalhadores brasileiros possam vencer os ataques instaurados pela classe dominante e transformar esta sociedade falida e desigual rumo ao socialismo. Para que os nossos movimentos saiam do simbólico e partam para o concreto. Em um ponto nós portamos concordância com os autores pós-modernos, é preciso atualizar nossa teoria social que está defasa-

da, acreditamos que o melhor caminho para isso é retornando a Marx e Engels, lá encontraremos a atualização tão necessária e pedida em nossos dias.

Referências

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**: tradução de Marcus Penchel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ANTUNES, Ricardo. IV Curso Livre Marx-Engels - **Marx: a criação destruidora**, 2013, p.31/32/33.

BRAZ, Marcelo. **Apresentação**. In: LENIN, Vladimir Ilitch. Que fazer: Problemas candentes de nosso movimento / V. L. Lenin: Tradução Marcelo Braz. – 2ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CANEDO, Leticia. **A Fundação Ford e as Ciências Sociais no Brasil: o papel dos program officers e dos beneficiários brasileiros para a construção de novos modelos científicos**, publicado em 2016. Disponível em: <<https://leticiabcanedo.wordpress.com/2016/04/25/a-fundacao-ford-e-as-ciencias-sociais-no-brasil-o-papel-dos-program-officers-e-dos-beneficiarios-brasileiros-para-a-construcao-de-novos-modelos-cientificos/>>. Acessado em 15/06/2018.

CAZARRÉ, Marieta. **Relatório mostra que 815 milhões de pessoas passam fome no mundo**, publicado 15 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/relatorio-mostra-que-815-milhoes-de-pessoas-passam-fome-no-mundo>>. Acessado em 15/06/2018.

DINO, **Mais de 70 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz estudo**, 03 de abril de 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/mais-de-70-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-estudo-shtml/>>. Acessado em 15/06/2018.

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do pós-modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa, 1996.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 2º ed. São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2008.

_____. **O papel do trabalho da transformação do macaco em homem**. 4 ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 1990. (Universidade Popular).

FREDERICO DE ONIS. **Antologia de la Poesia española e hispanoamericana**, Madri, 1934.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

HOWE, Irving. **Mass Society and Post-Modern Fiction**, Partisan Review, verão de 1959.

_____. **The New Mutants**, Partisan Review, verão de 1965.

LIMA, José Antonio. **Cinco famílias controlam 50% dos principais veículos de mídia do país, indica relatório**, publicado 31 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio>>. Acessado em 15/06/2018.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna** / Jean-François Lyotard; tradução: Ricardo, Corrêa Barbosa; posfácio: Silvano Santiago – 12º ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MACIEL, Camila. **Em 2017, 82% da riqueza mundial ficaram nas mãos do 1% mais rico**, publicado em 22 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/5272165/em-2017-82-da-riqueza-mundial-ficaram-nas-maos-do-1-mais-rico>>. Acessado em 15/06/2018...

MARX, Karl. **A ideologia alemã** / Karl Marx, Friedrich Engels: tradução de Álvaro Pina – 1.ed – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Carta ao Diretor da Revista Russa Otiechéstvennie Zapiski**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/11/revista.htm>>. Acessado em 15/06/2018.

_____. **Manifesto do partido comunista** / Karl Marx e Friedrich Engels: tradução Antonio Carlos Braga, São Paulo: Lafonte, 2012.

_____. **O Capital: crítica da Economia Política. Livro 1 – Vol. II**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

_____. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. Trad. Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

MILLS, C. Wright. **The Sociological Imagination**, Nova York, 1959.

NETTO, José Paulo. **De como não ler Marx ou o Marx de Sousa Santos**. In: NETTO, José Paulo. **Marxismo Impenitente**. Contribuição à história das idéias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **O Método em Marx**. 2015. (20m47s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jWamCheyxKM>>. Acessado em 18/06/2018.

OLSON, Charles e CREELEY, Robert. **The Complete Correspondence**, vol 7, Santa Rosa, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

SOBREIRA, Caique. **NOTAS SOBRE A DRAMATICIDADE CONJUNTURAL**, 22 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://www.marxismo.org.br/content/notas-sobre-a-dramaticidade-conjuntural/>>. Acessado em 15/06/2018.

TONET, Ivo. **O fim da democracia burguesa**, 2017, p.11.

TOURAINÉ, Alain. **La Société Post-Industrielle**. Paris : Denoël/Gonthier 1969.

WOODS, Alan. **Uma introdução ao materialismo histórico (Parte 1)**, publicado 20 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www.marxismo.org.br/content/uma-introducao-ao-materialismo-historico-parte-1/>>. Acessado em 15/06/2018.

_____. **Uma introdução ao materialismo histórico (Parte 3)**, publicado 12 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.marxismo.org.br/content/uma-introducao-ao-materialismo-historico-parte-3/>>. Acessado em 15/06/2018.

_____. **Uma introdução ao materialismo histórico (Parte 4)**, publicado 21 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://www.marxismo.org.br/content/uma-introducao-ao-materialismo-historico-parte-4/>>. Acessado em 15/06/2018.